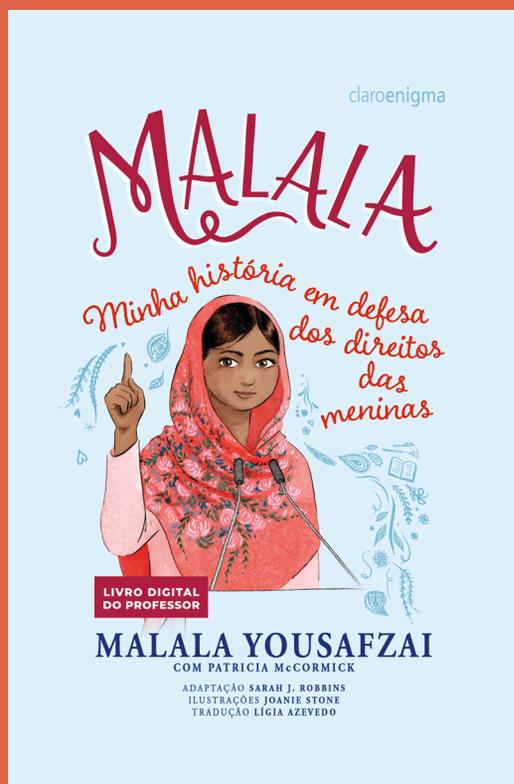


Material de apoio ao professor



LIVRO

Malala: Minha história em defesa dos direitos das meninas

AUTORAS

Malala Yousafzai e Patricia McCormick

ADAPTADORA

Sarah J. Robbins

ILUSTRADORA

Joanie Stone

TRADUTORA

Lígia Azevedo

CATEGORIA 1

Obras literárias do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Migração nacional e internacional na adolescência

Família, amigos e escola

Encontros com a diferença

GÊNERO LITERÁRIO

Memória, diário, biografia, autobiografia, relato de experiências

AUTORIA

Lenice Bueno da Silva

Especialista da Comunidade Educativa

CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica de Faria

Coordenadora da Comunidade Educativa

CEDAC



claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Ana Luiza Couto

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	6
Gênero e estilo	7
Quem está por trás da obra	9
Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental	10
Conversas em torno da leitura dessa obra	12
A importância da mediação	12
Diferentes modalidades de leitura	15
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	15
Atividade 1: A diversidade cultural — O uso dos tempos verbais e da primeira pessoa do discurso	17
Pré-leitura	17
Leitura	18
Pós-leitura	19
Atividade 2: A sequência temporal e a linha do tempo	20
Pré-leitura	20
Leitura	21
Pós-leitura	21
Atividade 3: Minha autobiografia — A narrativa em primeira pessoa	22
Pré-leitura	22
Leitura	23
Pós-leitura	23
Possibilidades interdisciplinares	24
Bibliografia comentada	26
Sugestões de materiais complementares	28
Sobre Malala	28
Sobre direitos humanos, das crianças e das mulheres	28

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, as autoras, a adaptadora, a ilustradora, a tradutora, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.
- **Sugestões de materiais complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados na obra e que contribuem para o seu trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas narra em primeira pessoa a trajetória dessa jovem corajosa, que ousou desafiar as imposições do grupo fundamentalista Talibã, no Paquistão, e, com apenas quinze anos, sofreu um atentado à bala que quase a matou.

É pela voz da própria Malala que acompanhamos sua trajetória, desde a infância na cidade de Mingora, no Paquistão, passando pelo período de opressão em que o Talibã dominou o país, a opção por lutar contra as restrições impostas pelos fundamentalistas e o atentado que ameaçou sua vida. Mas a narrativa também mostra ao leitor que, felizmente, Malala não só conseguiu recuperar sua saúde como também, após o atentado, utilizou toda a sua força pessoal e política para se transformar na mais jovem líder na luta pelos direitos das meninas e das crianças em geral.

Para você que leciona em uma escola pública, deve ser comum conhecer adolescentes que pensam em abandonar (ou que de fato abandonam) os estudos, seja porque precisam trabalhar para ajudar no orçamento familiar, seja porque acham que o que a escola ensina não lhes interessa.

Por trás dos motivos que levam um jovem a abandonar os estudos precocemente, pode haver também a dificuldade de se ver como alguém que tem direito a aprender e a conviver num ambiente de aprendizagem. “A educação existe para o outro, não para mim. Meu futuro está determinado pelo lugar de onde venho, e lá as pessoas não conseguem estudar”, muitos deles parecem pensar.

Imagine, então, como se sente alguém que cresceu em um lugar onde as dificuldades de acesso ao estudo são ainda maiores. Isso é comum em países em conflito e também naqueles onde há pobreza e miséria, ou onde o Estado não se considera obrigado a investir na educação pública. Além de tudo isso, imagine um lugar onde o fanatismo religioso proíbe as meninas de estudar.

Todas essas situações caracterizam o Paquistão na época em que transcorrem os eventos relatados na autobiografia *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas*.

Provavelmente, os estudantes de 6º e 7º anos já devem ter ouvido falar de Malala, pois por vários anos seu nome teve presença constante na mídia. Tanto já se falou e escreveu sobre ela que você poderia se perguntar: por que mais um livro sobre o assunto?

Se o objetivo era simplesmente contar uma história, o livro talvez fosse desnecessário. Mas a pergunta é outra, ou melhor, há muitas perguntas a serem respondi-

das a partir da leitura dessa história: apenas conhecer os fatos seria suficiente para compreender todos os aspectos do que foi vivido por Malala, para saber quem é essa menina, que enfrentou o fanatismo religioso e quase perdeu a vida? O que é fanatismo religioso e terrorismo? Por que há pessoas que se dispõem a matar e morrer por ideias religiosas fanáticas? O que significa, por fim, em pleno século XXI, ainda haver crianças e jovens fora da escola?

Esse livro não é só sobre a vida de Malala. Muitas outras vozes atravessam o texto, oferecendo aos jovens leitores brasileiros a oportunidade de conhecer aspectos da realidade do Paquistão, da cultura do povo pachto (do qual faz parte a família de Malala) e da religião islâmica, incluindo o fanatismo religioso fundamentalista.

Por todas essas características, trata-se de uma leitura que provoca reflexões sobre os **encontros com a diferença**. Ao mesmo tempo, por focalizar Malala e sua família como refugiados políticos e apontar a importância do apoio que receberam de amigos e pessoas solidárias, a leitura envolve outras duas temáticas: **migração nacional e internacional na adolescência** e **família, amigos e escola**.

No que diz respeito aos Temas Contemporâneos Transversais, a leitura propicia a discussão de conteúdos associados a **direitos humanos** e **direitos da criança e do adolescente**, que integram a macroárea **cidadania e civismo**, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

GÊNERO E ESTILO

Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas é uma **autobiografia**, gênero textual que compartilha com o diário e as memórias a característica de ser narrado em primeira pessoa.

É muito comum que leitores menos experientes confundam esses três gêneros que, realmente, têm muitas semelhanças. Por isso, durante a leitura do livro, um trabalho interessante seria dar apoio aos estudantes para que descubram também as diferenças entre eles.

Por que esse livro não é um diário? Por não registrar os eventos em entradas sinalizadas por data e não ter, portanto, preocupação em informar ao leitor o momento exato de *produção* do texto. Um exemplo de diário associado ao tema do livro é o site da BBC em que Malala escrevia usando o pseudônimo Gul Makai (mencionado no capítulo 7, p. 74-81). O texto do site está em inglês (disponível em: <https://bbc.in/3RaddF3>; acesso em: 26 ago. 2022), mas se abre com uma data facilmente identificável, mesmo para quem não domina essa língua. O parágrafo inicial diz o seguinte:

Quarta-feira, 14 de janeiro: Pode ser que eu nunca mais vá à escola

Eu estava de mau humor enquanto ia para a escola porque as férias de inverno começavam no dia seguinte. A diretora anunciou as férias, mas não mencionou a data em que a escola iria reabrir. Era a primeira vez que isso acontecia. No passado a data de reabertura era sempre anunciada com clareza. A diretora não nos informou o motivo que estava por trás de não anunciar a data de reabertura da escola, mas eu sabia que o Talibã tinha decretado o banimento da educação das meninas a partir de 15 de janeiro (YOUSAFZAI, 2009, tradução nossa).

O tom de voz é o mesmo da autobiografia, mas há algumas características que indicam se tratar de um diário: a clareza da data precisa em que o texto foi escrito e o foco no relato detalhado do que ocorreu naquele dia específico.

A autobiografia não tem a liberdade ficcional que caracteriza a narrativa de memória. A intenção de ambas é recapitular episódios verdadeiros do passado pessoal, mas a memória tem um caráter mais introspectivo e pode englobar elementos ficcionais, sem preocupação com a marcação exata da temporalidade. Observe o exemplo a seguir, retirado do livro *Infância*, do escritor Graciliano Ramos:

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento (1970, p. 45).

Com certeza, trata-se de lembranças baseadas em fatos, pois o próprio escritor o admite. Mas observe a indefinição com que o tempo e outras informações são apresentadas: “Eu devia ter quatro ou cinco anos” (grifo nosso). Compare-os com o trecho a seguir, da autobiografia de Malala:

— Eles não podem me impedir. Vou concluir minha educação — eu disse à câmera. — Esse é o nosso pedido ao mundo: salvem nossas escolas, salvem nosso Paquistão, salvem nosso Swat.

Eu não sabia que minhas palavras iam chegar a tantos ouvidos, seja em lugares distantes do mundo, seja ali mesmo no Swat, onde o Talibã poderia ficar sabendo.

Mais tarde naquele dia, enquanto minhas amigas e eu atravessávamos o portão da escola e a câmera registrava cada passo nosso, a sensação era de que estávamos indo a um enterro. Nossos sonhos morriam (p. 83-84).

Embora também possamos sentir a emoção da narradora por trás das palavras, o objetivo do texto é tentar relatar fielmente o que ocorreu em determinado dia.

Philippe Lejeune, pesquisador francês que se dedicou ao estudo da autobiografia, afirma que o grande diferencial desse gênero textual é o “contrato” que o autor estabelece com o leitor desde o princípio, de que o que está narrando é “verdade”, pois essa é a expectativa do leitor e a estratégia para conquistar sua confiança e empatia.

Transmitir emoção e veracidade é, assim, a principal força da autobiografia. Trata-se de um tipo de narrativa interessante para adolescentes, porque, ao mesmo tempo que lhes conta fatos verídicos, dá acesso à “voz” do narrador, levando-os a refletir sobre temas nos quais, por própria conta, talvez nunca pensassem.

A leitura dessa obra pode, assim, contribuir para que os estudantes reflitam sobre as próprias angústias e sonhos e, ao mesmo tempo, sobre o direito que todos têm de estudar e de levar uma vida digna.

QUEM ESTÁ POR TRÁS DA OBRA

Sendo uma autobiografia, o que é narrado se apresenta totalmente colado à figura de **Malala Yousafzai**, contado em sua própria voz e, por isso, não será necessário nos estendermos sobre o assunto aqui.

Basta destacar como Malala transmite ao leitor, com simplicidade e franqueza, seu processo de amadurecimento precoce, que lhe permitiu perceber quando seu nome transcendeu o nível pessoal e se transformou em palavra de ordem para todas as meninas que lutam pelos seus direitos, assim como para todos que defendem o direito universal à educação.

Patricia McCormick tem uma carreira bem estabelecida como jornalista e como escritora de romances para jovens baseados em eventos reais. Ela é norte-americana e vive em Nova York, já recebeu vários prêmios por seu trabalho. Com certeza, sua experiência ajudou Malala a transmutar em palavras simples uma narrativa carregada de eventos dolorosos, de forma a adequá-la à sensibilidade dos adolescentes. Além da obra *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas*, a jornalista também escreveu com Malala a versão *Eu sou Malala (edição juvenil)*:

como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo, concebida para leitores jovens. E ainda existe a autobiografia *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*, obra voltada ao público adulto e que foi produzida com a jornalista Christina Lamb.

Há ainda mais uma profissional do texto envolvida na produção de *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas*. **Sarah J. Robbins** é escritora e editora, trabalha no mercado editorial e também com conteúdo para internet. Nessa autobiografia de Malala, Sarah contribuiu na adaptação da história para leitores mais novos, usando como base a biografia de Malala voltada para jovens adultos.

As ilustrações de **Joanie Stone** ajudam, com sua delicadeza, a situar os leitores no clima em que transcorria a infância de Malala, assim como na mudança de atmosfera provocada pela chegada do Talibã e da guerra. A artista tem um apreço pelas técnicas tradicionais de desenho e pintura, o que é possível perceber pelo estilo das ilustrações da obra que você vai ler com a turma.

Por fim, a tradução é de **Lígia Azevedo**, jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e que já trabalhou como editora de textos. Ela fez um trabalho cuidadoso, mantendo as características do texto original, de forma que ele suscitasse a empatia dos leitores brasileiros.

Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

Trabalhar essa obra na escola, com estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, é uma oportunidade de desenvolver vários conteúdos propostos pela BNCC, como as competências gerais da Educação Básica relacionadas sobretudo ao conhecimento, à promoção dos direitos humanos e ao exercício da empatia (competências 1, 7 e 9*).

* 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p. 9).

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BRASIL, 2018, p. 9).

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e pro-

Nesse mesmo sentido, ao promover o respeito pela diversidade cultural, considerando as linguagens como uma construção dinâmica, expressão de identidades e subjetividades, no que diz respeito às competências específicas de Linguagens, a leitura pode estimular o desenvolvimento das competências 1 e 4*.

Além disso, em consonância com essas competências, sugere-se, nas práticas de leitura deste material, o exercício da apreciação crítica com o objetivo de desenvolver especialmente a habilidade de perceber os múltiplos olhares nas condições de produção, circulação e recepção da obra EF69LP44**.

Com a mediação do professor, a leitura de *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas* pode expandir o entendimento dos processos estéticos e a compreensão dos recursos de linguagem, além de criar espaços para debater os posicionamentos dos adolescentes diante do mundo representado na obra e da realidade que os cerca.

O livro também pode contribuir para promover a autonomia leitora e a construção de uma experiência estética plena e efetiva. As bases conceituais da BNCC reforçam o objetivo de formar o “leitor-fruidor”, que se encontra preparado para perceber com mais clareza “a condição estética” da leitura literária, para explorar as múltiplas camadas de sentido do texto ficcional, analisando os recursos utilizados pelo escritor para construir configurações de tempo e de espaço e criar seus personagens:

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor,

movendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

* 1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (BRASIL, 2018, p. 65).

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 65).

** (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018, p. 138).

Ao chegar ao 6º ou ao 7º ano do Ensino Fundamental, os jovens já percorreram uma parte importante de sua trajetória como leitores-fruidores. Porém, as atitudes do educador ainda são fundamentais para criar um espaço de liberdade em que possam expressar suas ideias e opiniões a respeito do texto lido e, ao mesmo tempo, para lhes dar o apoio necessário para expandirem sua capacidade de compreensão leitora.

Segundo a educadora argentina Cecilia Bajour, especialista em mediação de leitura, existem “modos específicos de entrar nos textos” (2020, p. 64), que são as chaves de leitura. Como a chave que abre uma porta, uma chave de leitura nos insere numa obra literária. Podemos escolher as formas de entrar numa casa, assim como podemos ter diferentes formas de adentrar num texto para favorecer a compreensão leitora.

Nesse sentido, sugerimos como chaves de leitura para essa autobiografia de Malala:

Do ponto de vista do texto:

- o uso da primeira pessoa do discurso na autobiografia e a interação com o leitor; a “veracidade” necessária para a construção do “pacto autobiográfico” entre o narrador e o leitor;
- as características do texto autobiográfico: o uso dos tempos verbais e dos marcadores temporais.

Do ponto de vista temático:

- a diversidade cultural e religiosa e o respeito pela liberdade individual;
- os direitos das crianças, especialmente das meninas, e dos seres humanos; o direito à educação e ao respeito individual.

Conversas em torno da leitura dessa obra

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO

Vem crescendo nos últimos anos o número de pesquisadores dedicados ao estudo do ato da leitura e da importância da mediação para a formação de novos leitores. A educadora argentina Delia Lerner, por exemplo, estuda a dimensão social da

leitura, apontando como a escola pode construir pontes sobre o fosso que separa as pessoas da herança cultural produzida pela humanidade. Sua proposta principal, mesmo levando em conta as dificuldades para a realização, é transformar o ambiente escolar em uma **comunidade de leitores e escritores** — algo essencial para que crianças e jovens carreguem seu envolvimento com a cultura escrita para além dos muros escolares. Entretanto, como levar adiante essa proposição?

Lerner desenvolve suas teorias num livro essencial (2002) para quem se interessa em aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. Dialogando com essa proposta de Lerner, o escritor e educador inglês Aidan Chambers propõe criar na sala de aula (e, por extensão, na escola) um **ambiente leitor**. Para isso, ele apresenta propostas de ordem prática que ajudam na mediação da leitura feita pelo educador.

O que Chambers nos sugere parece simples (embora esteja longe de ser): organizar rodas de conversas com os estudantes sobre o que foi lido. Para criar na sala de aula um ambiente propício à expressão livre de ideias, o pesquisador elenca perguntas que podem estimular uma boa conversa, dividindo-as em três tipos: básicas (para começar), gerais (para aprofundar a conversa) e especiais (para explorar particularidades da leitura). Reproduzimos a seguir algumas dessas questões, que podem ser consultadas de forma completa no livro *Dime* (CHAMBERS, 2014, p. 117-120):

As perguntas básicas

Você gostou de alguma coisa neste livro?

O que chamou especialmente a sua atenção?

Você teria gostado se houvesse algo a mais? [...]

As perguntas gerais

A primeira vez que você viu este livro, mesmo antes de lê-lo, como imaginou que ele seria?

O que fez você pensar assim?

Agora que você já leu o livro, ele é o que você esperava? [...]

As perguntas especiais

Em quanto tempo transcorreu a história?

Ficamos sabendo o que ocorre na história na ordem real em que os eventos se sucederam?

Quando você conta coisas que aconteceram com você, sempre conta a história na ordem? [...]

Como vemos, são perguntas bastante abertas. É importante destacar também que elas *não foram pensadas para serem respondidas por escrito*, assim como *não admitem respostas exatas*. O objetivo é abrir um espaço de liberdade e, para isso, quanto mais abertas as respostas, mais chances de desenvolver uma conversa em torno do que foi lido.

Outra abordagem que contribui para a leitura literária na escola é a da psicóloga catalã Isabel Solé, cujas pesquisas, voltadas para o estudo da mediação em situações educativas, buscam identificar quais estratégias são mobilizadas e podem ser ensinadas para desenvolver a compreensão leitora. Ela nos explica que, diferentemente de procedimentos e ações automatizados que envolvem decisões simples, as estratégias são usadas em situações mais complexas, em que temos de mobilizar outros conhecimentos.

Explicando de forma prática, quando alguém se vê diante de uma situação nova e difícil, o que costuma fazer? Primeiro, busca lembranças de situações semelhantes que vivenciou ou observou e identifica as soluções que, em cada caso, se mostraram ou não eficientes. O passo seguinte é adequar esse conhecimento prévio à nova situação, criando estratégias para chegar à solução específica para o caso. O mesmo pode acontecer quando travamos contato com um novo texto.

O que há de interessante na proposta de Solé é considerar que essas estratégias podem e devem ser ensinadas pela escola, para que proporcionem aos estudantes uma autonomia cada vez maior na solução de problemas.

Solé divide as estratégias de leitura em três momentos: *antes, durante e depois*, que chamaremos aqui de atividades de *pré-leitura, leitura e pós-leitura*. E para o desenvolvimento da compreensão leitora, ela propõe alguns aspectos fundamentais:

- É muito importante que o educador ou mediador faça um planejamento detalhado de como vai trabalhar em sala de aula. Pesquisar sobre o contexto em que a obra foi escrita e publicada e sobre o autor; ler o texto antecipadamente, pensando nos pontos que podem trazer dificuldades de compreensão, levantar polêmicas e/ou despertar interesse nos leitores... Enfim, realizar um verdadeiro ensaio de como as coisas podem acontecer na sala de aula. Embora não se possa ter controle sobre o ocorrerá, quanto mais preparado estiver o professor ou mediador, maior a chance de realizar um trabalho enriquecedor com a leitura.
- Assim como Chambers, Solé também ressalta a importância de organizar as conversas em um espaço em que circulem perguntas abertas e no qual o grupo de leitores possa expor comentários, opiniões, relações com outras leituras etc.

DIFERENTES MODALIDADES DE LEITURA

Ainda é preciso comentar, mesmo que rapidamente, as diferentes modalidades de leitura que podem ser adotadas em sala de aula. Embora a concepção mais difundida seja que leitores experientes devem ler de forma solitária e silenciosa, não é necessário que seja sempre assim.

Como apresentamos antes, o ato de leitura é uma troca, não apenas entre o leitor e o texto, mas também dos leitores entre si. Por isso, embora seja possível e fundamental estimular a leitura independente e solitária por parte dos estudantes, no trabalho em sala de aula é importante alterná-la com outras modalidades.

Uma delas é a leitura compartilhada ou colaborativa, em que não apenas o texto, mas também sua *compreensão é compartilhada* entre os leitores. Durante uma leitura compartilhada, o professor lê em voz alta e faz pausas estratégicas para acolher perguntas e comentários dos estudantes, lançar questões ao grupo, pedir que comentem algum acontecimento, propor a troca de ideias sobre determinados temas, entre outras possibilidades. As pausas são momentos em que o livro é discutido a partir de uma proposta feita pelo professor, mas sempre levando em conta os temas que os jovens trazem em suas observações espontâneas.

Desse modo, ler com os outros e escutá-los gera tensões e diálogos bastante profícuos, estimulando a relação com a diversidade de opiniões. Com esse tipo de dinâmica, que inclui o debate e a defesa do próprio ponto de vista, os estudantes costumam elaborar de maneira mais complexa suas opiniões, desenvolvendo e aguçando suas perspectivas.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

A autobiografia *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas* está dividida em quatro partes, um Prólogo e um Epílogo, cujos títulos, de certa maneira, já antecipam o conteúdo que será apresentado — algo que você pode explorar durante a leitura.

- Prólogo: Eu sou Malala — Apresentação pessoal da biografada.

- Parte Um: Antes do perigo — A infância de Malala e sua vida antes do Talibã.
- Parte Dois: Uma sombra sobre nosso vale — A chegada do Talibã.
- Parte Três: Encontrando minha voz — Manifestações de Malala e seu pai contra as proibições; o atentado.
- Parte Quatro: Uma nova vida, longe de casa — Sua recuperação e a vida na Inglaterra.
- Epílogo: A mais jovem na história — A vida de Malala como ativista.

No decorrer do livro, há “boxes” com informações sobre elementos citados na narrativa; nas páginas finais há o “Glossário” (p. 189), com a definição de palavras estrangeiras mencionadas na obra, e, por fim, a “Linha do tempo da vida de Malala” (p. 193).

Retomando as chaves de leitura apresentadas, o objetivo das atividades é trabalhar as habilidades EF69LP47* e EF69LP49**, a serem estimuladas em Língua Portuguesa, no sentido de desenvolver nos estudantes o leitor-fruidor, ou seja, a habilidade de ler textos literários criticamente. Ao mesmo tempo, voltando à competência 9***, citada anteriormente, as atividades sugeridas visam promover o exercício da empatia.

* (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 159).

** (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

*** 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

ATIVIDADE 1: A DIVERSIDADE CULTURAL — O USO DOS TEMPOS VERBAIS E DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura, você pode sugerir aos estudantes que realizem uma pesquisa sobre algumas temáticas presentes no livro: o Paquistão; a cultura paquistanesa e do povo pachtó; o islamismo; o fundamentalismo islâmico. A turma pode ser dividida em quatro grupos, cada um responsável por pesquisar um tema e por apresentar os resultados aos colegas.

Não é preciso que seja uma pesquisa aprofundada, pois o objetivo é situar os leitores no espaço e no ambiente cultural da narrativa, informações que serão mais trabalhadas durante a leitura. Ela pode ser feita em sites na internet previamente selecionados por você, em livros didáticos ou em material informativo na biblioteca da escola, caso seja possível. Mapas e fotos do Paquistão, de pessoas vestidas em trajes típicos e de ambientes associados à cultura local podem ser impressos e expostos na sala. Seria interessante que a cada cena ou elemento descrito no texto os estudantes pudessem lançar mão das imagens.

Em um dia combinado, cada grupo apresenta seus resultados, em papel ou digitalmente, os quais podem ser discutidos e até contestados, por você e pelos colegas. Existem informações desconhecidas e muitos preconceitos circulando na *web* sobre a religião islâmica. Essa apresentação poderá levantar dúvidas, que devem ser sanadas durante a conversa se não forem elucidadas pela própria leitura do livro.

A BNCC enfatiza que a escola confira a confiabilidade das informações (BRASIL, 2018, p. 137) que os estudantes encontram em suas pesquisas. Nesse sentido, a habilidade EF69LP30* sugere que o professor os auxilie a checar a fidedignidade das fontes de que foram retiradas.

A oitava competência específica de Língua Portuguesa** incentiva a proatividade dos estudantes em pesquisas do conteúdo a ser trabalhado em sala e a habilidade

* (EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão (BRASIL, 2018, p. 151).

** 8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.) (BRASIL, 2018, p. 87).

EF69LP38* sugere que os jovens sejam incentivados a organizar os dados pesquisados para apresentar aos colegas. Ao realizar esta atividade, como se vê, você atenderá a várias orientações da BNCC.

LEITURA

A leitura pode começar de forma compartilhada entre você e os estudantes, intercalada com pausas que permitam discutir sua compreensão e apreciação. O objetivo neste momento é trabalhar duas chaves de leitura: uma associada à diversidade cultural e religiosa; outra, a características do texto autobiográfico, como a narrativa em primeira pessoa e o uso dos tempos verbais.

O “Prólogo: Eu sou Malala” apresenta a jovem paquistanesa ao leitor. Alguém na turma sabe quem é Malala? O que conhecem a seu respeito? O que aconteceu com ela no dia 9 de outubro de 2012 e que mudou sua vida?

Você pode chamar a atenção para o uso da primeira pessoa, que aproxima a narradora dos leitores. Nessa parte do texto, Malala também usa os verbos no presente do indicativo. Mas, se é uma narrativa de algo que ocorreu no passado, por que ela fez isso? Você pode ajudá-los a perceber que o uso do presente, além de sinalizar que a narradora sobreviveu aos eventos, tem também a intenção de aproximar o leitor do que está sendo narrado.

Em seguida, os estudantes podem alternar a leitura compartilhada com a individual, nas partes Um e Dois. Quando for necessário, você pode se valer do uso do glossário e das informações dos boxes (p. 30 e 55) para esclarecer elementos que eventualmente fiquem obscuros.

Chame a atenção para o uso do presente do indicativo ainda nas primeiras páginas do capítulo 1 e a mudança para o pretérito, quando a narrativa salta para o passado. Se quiser, pare em trechos que permitem evidenciar as diferenças de uso entre o pretérito perfeito e o imperfeito, chamando a atenção para o uso do segundo

* (EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiótica, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala — memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea (BRASIL, 2018, p. 153).

no relato de ações que se repetiram no passado, sem determinar exatamente quando — como o que ocorre no trecho a seguir:

Mesmo assim, no Paquistão, meus irmãos e eu corríamos como um bando de coelhos, brincando de pega-pega, amarelinha ou polícia e ladrão. Às vezes, tocávamos a campainha da casa de alguém, então corríamos para nos esconder. Mas nossa brincadeira preferida era críquete. Jogávamos dia e noite no beco perto de casa ou lá em cima no terraço (p. 20, grifos nossos).

O pretérito imperfeito é bastante utilizado em todo o capítulo, com o intuito de dar ao leitor uma ideia sobre a vida de Malala antes da chegada do Talibã ao Paquistão. Mais do que uma discussão sobre os tipos de verbos, vale refletir sobre como eles atuam na compreensão da obra.

PÓS-LEITURA

As duas partes lidas narram os principais eventos ocorridos com Malala até sua decisão de reagir às proibições impostas pelo Talibã. A atividade de pós-leitura, explorando as características da autobiografia, poderia ajudar a explicitar o que Lejeune chama de “pacto autobiográfico”: a criação de uma relação próxima entre o narrador e o leitor por meio de informações que conquistem sua confiança.

Em uma conversa coletiva, os estudantes podem destacar trechos da narrativa que evidenciem essas duas características. Nos capítulos 1 e 2, é importante destacar o tom pessoal com que Malala se apresenta e tenta se aproximar do leitor, ao narrar elementos de sua infância.

Nos capítulos seguintes, até o 5, seria interessante distinguir os detalhes da vida pessoal, que têm a função de envolver o leitor (**P**), das informações objetivas, que comprovam a veracidade da narrativa (**O**). Cada estudante pode elaborar um quadro, no qual os eventos são listados na ordem em que são narrados e devidamente identificados nas categorias:

Capítulos 1 a 3	Capítulos 4 e 5
<p>Malala nasce no vale do Swat em 1997. P</p> <p>Ela é a única menina na família. P</p> <p>Os costumes e as tradições do povo pachto; a situação das mulheres. P</p> <p>O Talibã. P</p> <p>A pobreza no Paquistão. P ou O</p> <p>Primeiros sinais de perigo. P</p>	<p>A Mulá FM e a pressão sobre os moradores do vale feita por Fazlullah. O</p> <p>A luta entre o exército e o Talibã. O</p> <p>O fechamento das escolas de meninas. O</p> <p>O bombardeio das escolas. O</p> <p>O medo. P</p>

Os estudantes podem fazer a análise em pequenos grupos e, depois de concluída a tarefa, compartilhar as conclusões com o restante da turma.

ATIVIDADE 2: A SEQUÊNCIA TEMPORAL E A LINHA DO TEMPO

PRÉ-LEITURA

Os estudantes de sua turma sabem o que é uma linha do tempo? É uma maneira de indicar a sequência cronológica dos eventos. Pode ser elaborada em forma de lista, como a da vida de Malala que aparece a partir da página 193, mas pode também ser representada literalmente em forma de linha, para que visualizemos melhor a ordem em que os acontecimentos se sucederam.

Cada estudante pode elaborar a sua própria linha do tempo, marcando, a partir da data de nascimento, em sequência cronológica, os principais eventos de sua vida.

Data:	Data:	Data:	Data:	Data:	Data:
meu nascimento					

Enquanto eles constroem as linhas do tempo, você pode circular pela sala e sugerir eventos que valem a pena destacar: minha entrada na escola; quando aprendi a ler; o dia em que nasceu meu irmão; quando viajei pela primeira vez para... Às vezes, um empurrãozinho na memória pode despertar lembranças adormecidas.

Terminada a atividade, as linhas do tempo serão guardadas, para serem utilizadas em outro momento, na atividade 3. Como se trata de algo pessoal, é importante que não sejam expostas. O objetivo é recuperar uma ideia intuitiva de cronologia e sequência temporal.

Na sequência da biografia, vários eventos se sucederão rapidamente; a ideia de uma linha para representar o tempo permitirá que a ordem dos eventos fique bastante evidente.

LEITURA

A leitura pode se concentrar nos capítulos 6 ao 13. Estamos agora na “Parte Três”, a mais dramática, que culmina com o atentado contra Malala. Dessa forma, você pode sugerir paradas em pontos estratégicos, não apenas para discutir a compreensão, como também para permitir que os estudantes expressem opiniões sobre os eventos narrados.

O uso dos tempos verbais também pode continuar a ser explorado. Uma sugestão é chamar a atenção da turma para os diferentes usos do pretérito, perfeito ou imperfeito, e para sua importância na construção de sentido em um texto que narra acontecimentos reais.

Voltando à ideia de “pacto autobiográfico”, ajude-os a perceber como os detalhes e as observações da narradora dão confiabilidade aos eventos relatados. Continuando o quadro iniciado na atividade 1, pós-leitura, novos eventos podem ser acrescentados, de forma que, ao final do capítulo 13, os estudantes tenham um resumo do que foi narrado.

PÓS-LEITURA

Na fase de pós-leitura, os estudantes podem reconstituir coletivamente, de forma gráfica, a “Linha do tempo da vida de Malala” (p. 193 e 194) até a data do atentado.

12 jul. 1997	set. 2008	jan. 2009	maio 2009	out. 2009	out.-dez. 2011	9 out. 2012
Nascimento de Malala	Malala defende a importância da educação.	Malala inicia o diário de Gul Makai. Fechamento das escolas para meninas pelo Talibã.	A família de Malala deixa seu país.	Malala e o pai no documentário do <i>New York Times</i> . Malala aparece na tv.	Malala recebe o Prêmio Nacional da Paz para Jovens.	Malala sofre o atentado a bala.

Essa associação não só ajuda a compreender os acontecimentos, como reforça a importância de uma sequência temporal clara na autobiografia.

ATIVIDADE 3: MINHA AUTOBIOGRAFIA — A NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA

PRÉ-LEITURA

Cada estudante poderia voltar à sua linha do tempo para transformá-la em uma narrativa escrita em primeira pessoa. Nesse momento, algumas perguntas podem ser úteis para complementar o que anotaram na linha do tempo:

- Qual é a origem do meu nome?
- Eu tenho irmãs ou irmãos? Quantos?
- Na ordem de nascimento, que lugar eu ocupo em minha família?
- De onde vêm meus pais ou meus avós?
- Eu sempre vivi nesta cidade?
- Quantos anos meus pais estudaram?

O texto pode ser curto, com três ou quatro parágrafos. Chame a atenção para o uso da primeira pessoa do singular (que parece fácil, mas não é tanto assim); dos tempos verbais adequados; da necessidade de clareza na sequência narrativa e outras questões envolvidas na escrita dos textos autobiográficos. Esse trabalho de produção de texto atende ao que sugere a habilidade EF67LP36*, a ser desenvolvida em Língua Portuguesa no 6º e 7º anos.

Seria interessante que cada escritor estabelecesse um diálogo consigo mesmo, pois, para criar a narrativa em primeira pessoa, seja na autobiografia ou no texto de memória, é preciso que o narrador-protagonista, observando-se com distanciamento crítico, ressignifique sua percepção sobre acontecimentos de sua vida.

Proponha que os estudantes façam uma primeira versão, que será lida em conjunto com você. Depois de revisar o texto, caso desejem, eles podem compartilhar com a turma o que escreveram.

A escrita de textos verdadeiros, compartilhada de forma respeitosa, é importante numa sociedade hipermidiática como a nossa, em que as pessoas expõem a vida nas redes sociais, não apenas tornando a vida privada demasiadamente pública, como também maquiando a realidade, o que obscurece a ideia de “verdade”.

* (EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual (BRASIL, 2018, p. 175).

A circulação indiscriminada de informações manipuladas e notícias falsas faz com que o “pacto” descoberto por Lejeune perca força: em meio a tudo isso, como convencer o leitor de que a história contada é verdadeira e não uma invenção? Uma boa reflexão a ser feita com a turma.

LEITURA

A leitura da parte final da autobiografia pode ser feita de forma mais leve, uma vez que as características desse gênero textual já foram suficientemente exploradas.

O leitor descobre nesse trecho todo o esforço de Malala para sobreviver e, em seguida, como as experiências por que passou a ajudaram a ver a si mesma como outra pessoa, a pessoa pública que se tornou, e a assumir as responsabilidades decorrentes.

Trata-se, ao mesmo tempo, da parte do livro mais carregada de emoção e, assim, as pausas na leitura podem ser dedicadas a comentários pessoais sobre o que é narrado, suscitando conversas interessantes sobre a necessidade de um jovem projetar para si mesmo uma imagem no futuro, algo que lhe dará forças para lutar por seus ideais.

Os estudantes podem também completar o quadro iniciado na atividade 1, pós-leitura, sobre a sequência dos fatos do livro.

Vale a pena reservar um tempo significativo para uma conversa após o término da leitura da obra, justamente para que os estudantes possam compartilhar o que pensaram sobre a vida de Malala e quais relações fizeram com a própria vida.

PÓS-LEITURA

Para reconstituir os episódios finais da autobiografia, a última atividade de pós-leitura pode consistir na construção da parte final da linha do tempo da vida de Malala, completando com os eventos narrados no livro e com os que ocorreram após 2017, como sua formatura em Oxford e seu casamento. Alguns desses eventos já foram citados no Paratexto (“Conversando sobre a obra”) e outros podem ser pesquisados na internet e em outras fontes, conforme os recursos disponíveis.

15 out. 2012 É levada para o hospital em Birmingham.	mar. 2013 Volta à escola em Birmingham.	12 jul. 2013 Fala à ONU, em seu aniversário de dezesseis anos.	jul. 2014 Na Nigéria, pronuncia-se contra o sequestro de meninas.	dez. 2014 É a mais jovem ganhadora do Nobel da Paz.	12 jul. 2015 Cria uma escola no Líbano para meninas refugiadas.	out. 2015 Lançamento do documentário <i>Eu sou Malala</i> .
set. 2016 Lançamento da campanha #YesAllGirls.	abr.-set. 2017 Viaja pelo mundo conversando sobre os direitos das meninas.	out. 2017 Começa seus estudos em Oxford.	2020 Conclui seu curso de filosofia, política e economia em Oxford. Vem ao Brasil.	nov. 2021 Casa-se com o jovem paquistanês Asser Malik.		

Esses eventos finais não são comentados no livro, o que pode abrir espaço para atividades associadas às aulas de História, como veremos a seguir.

Possibilidades interdisciplinares

Quase todas as competências específicas do componente curricular de História podem ser incentivadas a partir da leitura de *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas*, mas especialmente as de números 1, 2 e 4* têm relação com seu conteúdo. A primeira pela compreensão dos diversos eventos históricos, a segunda

* 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 402).

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica (BRASIL, 2018, p. 402).

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 402).

por estabelecer conexões entre os acontecimentos e os processos ao longo do tempo e nos diferentes espaços, e a quarta por valorizar a identificação das interpretações e do posicionamento diante dos contextos históricos.

Dessa forma, mesmo que as habilidades específicas de História para os 6º e 7º anos não estejam diretamente associadas aos eventos narrados, pesquisas e discussões a respeito podem ampliar a visão de mundo dos adolescentes, influenciando sua formação como cidadãos, pois alguns eventos apresentados na parte final da linha do tempo de Malala não dizem respeito apenas à sua vida, mas à de jovens do mundo todo.

Nesse sentido, podem ser investigados pelos estudantes, divididos em grupos:

- A fala na Organização das Nações Unidas (ONU), em 12 de julho de 2013, em seu aniversário de dezesseis anos.
- A viagem à Nigéria em julho de 2014, para se pronunciar contra o sequestro de mais de 250 meninas pelo grupo fundamentalista terrorista Boko Haram, em 2014.
- O recebimento do prêmio Nobel da Paz, em dezembro 2014, de que Malala foi a mais jovem ganhadora.
- A criação, em 12 de julho de 2015, de uma escola no Líbano para meninas refugiadas.
- O lançamento, em setembro de 2016, da campanha #YesAllGirls.
- A viagem pelo mundo, de abril a setembro de 2017, para discutir sobre os direitos das meninas.

É possível encontrar informações sobre todos esses eventos. Informações que sejam simples o suficiente para a faixa etária de sua turma e que, ao mesmo tempo, apresentem elementos para auxiliar na compreensão da obra. Na seção “Sugestões de leituras complementares” deste material há algumas indicações.

Outro conteúdo importante diz respeito ao **direito à educação**, que é compartilhado por todos os seres humanos. Entretanto, como alguém pode saber que tem esse direito, se não conhece os documentos que o embasam e as instituições que o garantem?

O mesmo vale para os **direitos humanos**, os **direitos das mulheres** e outros implícitos nas questões discutidas no livro. É inaceitável, tanto do ponto de vista humanitário como político, que o Talibã transgrida leis, tratados e acordos ao tentar determinar como as pessoas devem levar a vida e, pior ainda, cometa atos de terrorismo em nome da religião. A questão fica mais preocupante ainda se lembrarmos que, em agosto de 2021, o Afeganistão voltou a cair nas mãos desse grupo terrorista.

Se você e o professor de História desejarem levar adiante essa discussão, podem começar apresentando aos estudantes alguns artigos da Constituição Federal de 1988 que garantem a crianças e jovens o direito à educação.

Também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), originado do artigo 227 da Constituição, é um documento brasileiro importante, que pode ser lido pela turma.

Há vários documentos que se associam ao conteúdo dessa autobiografia de Malala, como textos sobre a luta por direitos humanos no Brasil e no mundo, sobre o apoio às pessoas internamente deslocadas e sobre os direitos humanos das mulheres.

Enfim, dependendo dos interesses da turma, muitos caminhos podem ser trilhados para aprofundar a discussão.

Esperamos ter mostrado neste material que *Malala: minha história em defesa dos direitos das meninas* é um livro que todo jovem precisa ler. Esperamos que você e seus estudantes concordem conosco.

Bom trabalho!

Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 12 ago. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

CHAMBERS, Aidan. **Dime**: los niños, la lectura y la conversación. México, DF: Fondo de Cultura Económica de España, 2014.

Neste livro, o escritor inglês desenvolve uma proposta, embasada em sua experiência como educador, para estimular conversas sobre a leitura em salas de aula, com crianças e jovens. Em quinze capítulos são descritas as origens e as

características de “Tell me”, título em inglês de sua proposta e também do livro, assim como são sugeridos perguntas e jogos que podem estimular as conversas.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: **https://bit.ly/notas_experiencia**. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

Coletânea de ensaios que cobre mais de trinta anos de reflexão, pesquisa e defesa da autobiografia como gênero literário, mas que atrai também aos interessados por autobiografias, diários, correspondência e blogs. Lejeune foi o criador da ideia do “pacto autobiográfico”, em que o autor se compromete com seu leitor, desde o início da narrativa, a apenas dizer a verdade.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Prefácio: Emilia Ferreiro. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

A educadora argentina desenvolve ideias de como transformar a escola em uma comunidade de leitores — pessoas que busquem nos textos respostas para suas várias necessidades e indagações — e de escritores — pessoas que estejam preparadas para criar textos que expressem suas necessidades. O trabalho de Lerner visa preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Prefácio: César Coll. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Penso, 1998.

A psicóloga espanhola especializada em educação desenvolve neste livro ideias de como ensinar na escola estratégias de compreensão leitora que permitam aos estudantes interpretar e compreender de forma cada vez mais autônoma os textos, sejam eles de ficção ou informativos, desde o início da aprendizagem da leitura.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

Publicado em 1945, *Infância* é uma autobiografia de Graciliano Ramos em que o autor articula elementos pessoais com sociais.

Sugestões de materiais complementares

Para que os estudantes possam estabelecer mais relações com a leitura da obra, há diversas fontes complementares na internet que podem ser consultadas em qualquer ponto da leitura. Indicamos a seguir algumas sugestões (acessos em: 11 ago. 2022).

SOBRE MALALA

- Discurso proferido por Malala na ONU, em 2013. Disponível em: **<https://bit.ly/MalalaDiscursoPort>**.
- Entrevista com Malala, no site da ONU. Está em inglês, mas legendada em português. Disponível em: **<https://bit.ly/MalalaEducacaoSonhos>**.
- **He Named Me Malala**. Direção: Davis Guggenheim. Estados Unidos, 2015. 88 min. 10 anos. Documentário sobre a vida de Malala. Disponível em diversas plataformas digitais.
- Material informativo sobre a biografia de Malala. Disponível em: **<https://bit.ly/MalalaQuemE>**.
- Sobre a inauguração da escola para meninas refugiadas no Líbano, no site da agência da ONU para refugiados (Acnur). Disponível em: **<https://bit.ly/MalalaAniversarioEscola>**.
- Sobre o movimento #YesAllGirls. Informações em inglês, no site do Fundo Malala. Disponível em: **<https://bit.ly/YesAllGirlsMalala>**.

SOBRE DIREITOS HUMANOS, DAS CRIANÇAS E DAS MULHERES

- Constituição Federal de 1988. Disponível em: **<https://bit.ly/ConstituicaoFed>**. É importante conhecer o “Título II: Dos direitos e garantias fundamentais”, especialmente o artigo 5º; o “Capítulo III: Da educação, da cultura e do

desporto”, o artigo 208, em que se determinam os deveres do Estado para com a Educação, e o artigo 227, que determina os deveres da família, da sociedade e do Estado relativamente aos direitos das crianças, adolescentes ou jovens

- Diário de Malala no site da BBC, em inglês. Disponível em: **<https://bbc.in/3RaddF3>**.
- Documento que resgata todas as conquistas que as mulheres tiveram no Brasil nos últimos anos. Disponível em: **<https://bit.ly/ViolenciaMulh>**.
- No site da ONU há vários documentos importantes. Disponível em: **<https://bit.ly/NacoesUnidasONU>**. No botão “Especiais”, tem-se acesso a uma página que oferece muitas informações sobre a Declaração universal dos direitos humanos.
- Sobre os deslocados internos, no site da Acnur. Disponível em: **<https://bit.ly/DeslocadosInt>**.
- Texto integral do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com todos os cortes e mudanças realizados. Disponível em: **<https://bit.ly/ECAestatuto>**.